



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH - CAMPUS VI
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS LITERATURAS

CÉLIA DA CRUZ OLIVEIRA

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS:
CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO**

Caetité-BA
2021

CÉLIA DA CRUZ OLIVEIRA

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS:
CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO**

Trabalho Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado da Bahia como requisito para a conquista do título de licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Ma. Rayana Thyara de Lima Rêgo Ladeia.

Caetité-BA

2021

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS:
CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO**

Trabalho Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado da Bahia como
requisito para a conquista do título de
Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e
Literaturas.

Aprovado em _____ de _____ de _____.

Banca Examinadora

Orientadora: Prof^a Ma. Rayana Thyara de Lima Rêgo Ladeia

Convidado: Prof. Me. Rogério Soares Brito

Convidada: Prof^a Dr^a Aparecida de Fátima Brasileiro

Caetité-BA
2021

“Para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura”.
Angela Kleiman

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo a Deus, pela proteção e bênção diária.

À Minha orientadora e professora Rayana Ladeia, pela competência e paciência.

Aos professores da UNEB, particularmente do curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas, pelo apoio, colaboração e pelas contribuições metodológicas.

À UNEB, através dos programas do governo, pois me concedeu a oportunidade de atuar nas salas de aula como bolsista da Residência Pedagógica, bem como estagiária na biblioteca da referida instituição.

À secretária do colegiado, Jeane Fernandes, por não medir esforço para nos atender, orientar e auxiliar nas nossas dificuldades com muita competência, paciência e humanidade.

Ao professor Rogério Soares Brito, por ser a ponte de acesso aos livros da biblioteca da UNEB no período de pandemia para que eu pudesse consultar os livros e desenvolver a pesquisa.

Aos colegas e funcionários da Universidade do Estado da Bahia, Campus VI, principalmente, aos bibliotecários pelo acolhimento e apoio.

Meu muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho analisa as Histórias em Quadrinhos (HQs) presentes no livro didático de Língua Portuguesa da coleção “Vontade de Saber Português” do 8º ano e suas contribuições para a formação do leitor crítico. As HQs são gêneros discursivos multimodais por natureza, com características e linguagem própria e atrativa para seus leitores. Dessa forma, nos interessou pesquisar como as histórias em quadrinhos são abordadas nos livros didáticos e quais as contribuições desse gênero textual para a formação do leitor crítico. Para responder a pergunta norteadora, buscamos identificar os temas dos quadrinhos bem como as reflexões que podemos ter acerca deles, além do conhecimento do conteúdo para o aprimoramento do aprendiz. Para tanto, recorreremos ao suporte teórico de Freire (1989), Yunes (2002), Zilberman (2003), Vergueiro (2012), dentre outros. A abordagem metodológica baseou-se na pesquisa bibliográfica e documental fundamentada no estudo qualitativo. Os resultados evidenciam que os quadrinhos são utilizados no livro didático para abordar conceitos gramaticais, leitura e produção textual. Portanto, para que haja a formação do leitor crítico por meio das HQs presentes no do livro didático de Língua Portuguesa, o professor precisa ampliar e redimensionar suas atividades.

Palavras-Chave: Histórias em quadrinhos. Livro didático. Leitor crítico.

ABSTRACT

The present work analyzes the Comics present in the Portuguese Language textbook of the 8th grade “What the Portuguese” collection and their contributions to the formation of the critical reader. The Comic books are multimodal discursive genres by nature, with their own characteristics and language that are attractive to their readers. Thus, we were interested in researching how comic books are approached in textbooks and what the contributions of this textual genre are for the formation of the critical reader. To answer the guiding question, we sought to identify the themes of the comics as well as the reflections we can have about them, in addition to knowledge of the content for the improvement of the learner. For that, we resorted to the theoretical support of Freire (1989), Yunes (2002), Zilberman (2003), Vergueiro (2012), among others. The methodological approach was based on bibliographical and documentary research based on a qualitative study. The results show that comics are used in textbooks to address grammatical concepts, reading and textual production. Therefore, in order for the critical reader to be trained through the comics present in the Portuguese Language textbook, the teacher needs to expand and resize their activities.

Keywords: Comics. Textbook. Critical reader.

LISTA DE FIGURA

Figura 01 - Angeli.....	35
Figura 02 - Cebolinha e Cascão.....	36
Figura 03 - Dik Browne.....	38
Figura 04 - Atividades.....	39
Figura 05 - Atividades.....	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CNDL – Comissão Nacional do Livro Didático

COLTED – Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático

EBAL – Editora Brasileira América Limitada

FENAME – Fundação Nacional do Material Escolar

FNDF – Fundo Nacional de Desenvolvimento de Educação

FTD – Frère Théophane Durand

HQs – Histórias em Quadrinhos

INL – Instituto Nacional do Livro

LD – Livro Didático

MEC – Ministério da Educação

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PLIDEF – Programa do Livro Didático do Ensino Fundamental

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

SNEL – Sindicato Nacional de Editores do Livro Didático

UEL – Universidade Estadual de Londrina

USAID – Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. CAMINHO METODOLÓGICO	14
2.1 Coleta dos dados	15
2.2 Recorte do corpus da pesquisa.....	16
3. A HISTÓRIA DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS	18
3.1 Entendendo as Histórias em quadrinhos	21
4. A LEITURA E A FORMAÇÃO LEITORA	25
4.1 A escola: formação leitora	27
5. O LIVRO DIDÁTICO E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	30
5.1 Análise e reflexões dos dados	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho iniciou diante de um trabalho realizado em uma banca de reforço, observando a curiosidade dos alunos em folhear o livro didático procurando localizar as histórias em quadrinhos (HQs) para leitura. A ação dos estudantes despertou em mim o interesse de analisar como as HQs presentes no livro didático de português contribuem para a formação do leitor crítico.

Ler é um verbete originado no latim *legere*, que significa percorrer o que está escrito, proferindo ou não as palavras, mas conhecendo-as. A leitura permite ver o mundo de várias formas, em um conjunto ilimitado de signos com o intuito de (re)construir sentidos. Para contribuir com essa ideia, a pesquisadora Failla (2016, p.19) afirma que “ler possibilita desvendar aquilo que outros já viveram, produziram, criaram, sentiram em outros lugares, outros tempos ou na imaginação. Multiplica e possibilita viverem muitas vidas e experiências”, por isso o ato de ler é uma fonte de conhecimento e diversão.

A leitura é um artifício capaz de levar o sujeito a compreender o processo da aprendizagem. É uma tarefa difícil que exige disposição, força de vontade e gosto da parte do leitor. Kleiman (1989) enfatiza que o processo de ler é complexo, assim como resolver problemas, trazer à mente uma informação necessária, aplicar algum conhecimento, entre outros. Todas essas ações exigem o envolvimento de muitos fatores como: percepção, atenção e memória.

Considerando todos os fatores que envolvem a dificuldade de acesso a materiais de leitura, o Livro Didático (LD) tornou-se um recurso relevante na facilitação do contato com o texto. O LD é fonte de conhecimento e faz parte da cultura e da memória visual de muitas gerações. O meio impresso exige atenção, intenção, pausa para refletir e compreender a mensagem, distintamente do que acontece com outras mídias como o rádio, televisão, “pois não exige de nós atenção, pensamento, reflexão, crítica, perturbação de nossa sensibilidade e de nossa fantasia” (CHAUÍ, 1997, p.332).

Encontramos variados gêneros textuais no livro didático, e os quadrinhos se fazem presentes por conter uma linguagem simples e atrativa aos leitores. Para Iannone e Iannone (1994), as histórias em quadrinhos encaminham o leitor para outros tipos de leitura, do mesmo modo, por outras espécies de leitura, dado que,

em conjunção com os livros, são materiais apazíveis para aguçar a idealização de crianças e de jovens.

Partindo desse pressuposto e considerando a importância da leitura crítica das HQs no livro didático de Língua Portuguesa do 8º ano, questionamos: Como as histórias em quadrinhos são abordados nos livros didáticos e quais as contribuições desse gênero textual para a formação do leitor crítico? Dessa forma, o nosso objetivo é analisar as Histórias em Quadrinhos presentes no livro didático de Língua Portuguesa e suas contribuições para a formação do leitor crítico.

Para complementar o objetivo principal citado anteriormente, este trabalho pauta em três objetivos específicos, a saber: Conceituar o gênero Histórias em Quadrinhos, enfatizando os seus elementos formais bem como o contexto histórico do seu surgimento; Compreender o papel das HQS na sala de aula frente ao processo de formação de leitores; Identificar os temas abordados nas HQS presentes no livro didático de Língua Portuguesa do 8º ano que influenciam na formação crítica do leitor.

O presente trabalho requer e tem uma importância social à medida que permite o entrosamento entre o aluno e o professor, permitindo que haja uma formação crítica e uma busca constante de esclarecimento de questionamentos que surgem no dia a dia. Além disso, esta pesquisa contribui academicamente para o enriquecimento do acervo de pesquisa na formação do leitor e na importância da leitura, já que é uma questão relevante no universo escolar e na sociedade.

A proposta desta pesquisa adentra-se no campo de estudos sobre a linguagem, história em quadrinhos, livro didático e leitura. Sendo assim, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental de cunho qualitativo a partir do estudo de textos teóricos, científicos, literários e bibliográficos que abrangem a temática.

Para a fundamentação teórica, recorreremos aos estudos de Freire (1989), Yunes (2002), Zilberman (1986), Vergueiro (2012), dentre outros autores que discutem a importância da leitura e da formação do leitor, bem como apresentam as características das histórias em quadrinhos.

O trabalho está organizado em seis capítulos distintos, porém integrados nas discussões que o compõe. O primeiro capítulo apresenta a introdução abordando de forma sucinta o tema, objetivos, pergunta norteadora, descrição da escolha do tema, teóricos que o auxiliaram na busca do esclarecimento, bem como o caminho metodológico trilhado para a concretude desse trabalho.

O segundo capítulo traz o caminho metodológico desvendando cada passo da pesquisa. No subtítulo (2.1 e 2.2), apresentamos a coleta de dados e o recorte do trabalho. O terceiro faz uma explanação histórica sobre o surgimento da história em quadrinho acompanhado do subtítulo (3.1) que apresenta a estrutura composicional das HQs.

Em seguida, o quarto capítulo aborda alguns conceitos sobre leitura e, para contemplar melhor a discussão, segue o subtítulo (4.1 e 4.2) discorrendo sobre a formação leitora e apresentação da escola como formação leitora para obter a construção do conhecimento levantamentos embasada nos teóricos que entendem e debatem os temas relacionados.

Já no quinto capítulo, apresentamos o livro didático e sua história abordando o trajeto deste material até o presente momento. O subtítulo (5,1) exhibe a análise e reflexão apresentada nos quadrinhos selecionados do livro escolhido da coleção Vontade de Saber Português do 8º ano das autoras Rosemeire Alves e Tatiana Brugnerotto. Por fim, no último capítulo, expomos as considerações a respeito do estudo realizado, bem como o resultado almejado da questão norteadora e objetivo que deram início a este estudo.

2. CAMINHO METODOLÓGICO

Segundo Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais. Sendo assim, a metodologia, de acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 12), “é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo”.

A pesquisa bibliográfica compõe parte considerável deste trabalho já que “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituídos de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p.44). Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico tendo em vista a consulta de livros, revistas e artigos que tratavam do assunto. Também foram feitas pesquisa no google acadêmico usando as palavras-chave como: histórias em quadrinhos (HQs); leitura; formação leitora; livro didático. A pesquisa bibliográfica

é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (SILVEIRA; PEIXOTO, 2009, p. 37 apud FONSECA, 2002, p.32).

Como podemos ver na citação acima citada, existem várias fontes de pesquisa bibliográfica dentre elas o livro, considerada uma fonte de pesquisa por conter informações ou conhecimentos prévios a respeito de um problema que nos causa inquietude. Desse modo, é o aparato fundamental para a construção deste estudo.

Além disso, realizamos uma pesquisa documental, pois recorreremos ao livro didático “Vontade de Saber Português” do 8º ano elaborado pelas autoras Tavares e Brugnerotto e publicado pela editora FTD, no ano de 2012. É considerado documento

qualquer informação sobre a forma de textos, imagens, sons, sinais, etc., contida em um suporte material (madeira, papel, tecido, pedra), fixados por técnicas especiais como impressão, gravação, pintura, incrustação, etc. Quaisquer informações orais (diálogo, exposições, aula, reportagens faladas) tornam-se documentos quando transcritas em suporte material (CHIZZOTTI, 1991, p.109).

Este tipo de pesquisa é caracterizado pela “fonte de coleta de dados restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primária” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.174). A característica apresentada pelas autores corrobora as informações Chizzotti (1991), uma vez que utilizamos o livro para obter informações acerca do problema.

Quanto à abordagem, a pesquisa é qualitativa porque não se preocupa com representatividade numérica, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização. Gerhardt & Silveira (2009) enfatizam que é um aspecto que não se preocupa em quantificar, mas caracteriza pelas ações de descrever, compreender e explicar na dinâmica das relações sociais entre o global e o local em determinados fenômenos, observando as diferenças entre o mundo social e natural. Dessa forma, Minayo complementa que

a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos aspirações, crenças, valores e atitudes, o que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalizações de variáveis (2001, p.22).

Logo, esse tipo de pesquisa não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas, pois a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são dadas por meio do pesquisador durante a sua investigação acerca do objeto. Basicamente esse foi o caminho trilhado para obter o resultado, que se consolidou diante das análises e interpretações a respeito do objeto desse trabalho.

2.1 Coleta dos dados

Almejando entender melhor o processo de formação de leitores a partir do livro didático de Língua Portuguesa, a pesquisa ancora-se na coleção “Vontade de Saber Português” do 8º ano elaborado pelas autoras Rosemeire Aparecida Alves Tavares, especialista em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado de Londrina (UEL);

e Tatiane Brugnerotto Conselvan, especialista em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). As autoras são professoras diplomadas em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e trabalham no setor particular da educação.

O LD foi escolhido por ser lançado em 2012 e foi indicado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do ano de 2014. A coleção atende o ensino do sexto, sétimo, oitavo e nono ano. Nesta pesquisa, optamos por analisar o livro do 8º ano, tendo em vista que, nesta série, o estudante já estudou diversos gêneros textuais, a exemplo das HQs.

O livro selecionado se divide em seis unidades e possui dois capítulos em cada unidade. Cada capítulo é composto por: Leitura 1; Leitura 2; Estudo do texto; Ampliando a linguagem; Produção da escrita; Produção oral e a Língua em estudo. O documento analisado também disponibiliza um manual de orientação para o professor.

2.2 Recorte do corpus da pesquisa

Para a concretização deste trabalho, foram selecionadas as histórias em quadrinhos presentes no livro acima citado. Desse modo, foram escolhidas três HQs para integrar o corpus deste estudo a fim de analisar de que forma elas foram trabalhadas e como a abordagem favorece (ou não) o processo de formação do leitor crítico.

A primeira imagem analisada se encontra na primeira unidade tematizando “Vida de Adolescente”. As autoras utilizaram o quadrinho para introduzir um tipo de variedade linguística, as gírias, que são muito usadas pelos adolescentes.

A segunda imagem se encontra na unidade cinco no capítulo dois, e o tema abordado é “O dia a dia no trânsito”. As autoras usaram o quadrinho para introduzir o assunto gramatical de conjunção.

A última HQ selecionada está situada na unidade seis do capítulo dois, com a temática “Rir é o melhor remédio”. As autoras trazem a história em quadrinho para introduzir a linguagem tão esperada que é a leitura. Ela é usada para trabalhar “estudo do texto”, “escrevendo sobre o texto” e “explorando a linguagem”, sendo bastante pertinente ao tema explorado. Desse modo, o presente trabalho buscou

selecionar as histórias que melhor adequam as informações e conhecimento para os adolescentes.

3. A HISTÓRIA DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Desde a antiguidade é comum ao homem escrever histórias em formas de desenhos, denominadas de “arte sequencial”, ou seja, uma “forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia” (WILL EISNER, 2005, p. 5). Os homens primórdios se expressavam por meio dos desenhos nas cavernas transformando a parede das cavernas em um grande mural no qual registravam elementos de comunicação para seus contemporâneos (VERGUEIRO, 2012).

As HQs tiveram um magnífico desenvolvimento nos Estados Unidos, pois contavam com todas as vantagens tecnológicas, sociais e econômicas para consolidação.

A evolução da indústria tipográfica e o surgimento de grandes cadeias jornalísticas, fundamentados em uma sólida tradição iconográfica, criaram as condições necessárias para o aparecimento das histórias em quadrinhos como meio de comunicação de massa. [...] seu florescimento localizou-se nos Estados Unidos do final do século XIX, quando todos os elementos tecnológicos e sociais encontravam-se devidamente consolidados [...] (VERGUEIRO et al., 2012, p.10)

No início, as publicações eram voltadas para o público-alvo: os migrantes de um estilo cômico abordando a sátira e a caricatura, transmitidas aos domingos nos jornais norte-americanos. Posteriormente, a publicação passou a ser divulgada diariamente. Se expandindo para “os jornais franceses igualmente publicavam inúmeras tiras americanas e o público começou a se apaixonar loucamente por essas histórias movimentadas, dinâmicas, cheias de sonhos e que se destinavam a adultos” (QUELLA-GUUOT, 1994 p.60).

Todas essas publicações foram concedidas graças aos *Syndicates* que eram “grandes organizações distribuidoras de notícias e material de entretenimento para jornais de todo o planeta”.(VERGUEIRO, 2012, p.10), Dessa forma, as HQs se espalharam pelo mundo, primeiramente, manifestando nos jornais, em seguida, em revistas designadas ao gênero *gibis*.

Em meados das décadas de 60, aqui no Brasil, as histórias em quadrinhos começaram a deparar com acolhimento do público, porém, até hoje o material disponível para o estudo delas são considerados escassos.

Ao contrário dos Estados Unidos e da Europa (onde as histórias em quadrinhos são consideradas a “nona arte”), no Brasil a bibliografia disponível que aborda e analisa as Narrativas Sequenciais é muito escassa. Além disso, várias obras acabam por disseminar visões preconceituosas a respeito desta manifestação artística (SANTOS, 2001, p.59).

Os problemas enfrentados pelas HQs no Brasil, conseqüentemente, comprometeram para o surgimento tardio dessas histórias nos livros didáticos de Língua Portuguesa. Para Santos (2001, p.59), “a exemplo das próprias revistas de quadrinhos, os livros editados no Brasil possuem tiragens pequenas e raramente são reeditados”, haja vista, que o material disponível no país se torna repetitivo e também escasso por falta de novidade sobre o gênero.

No Brasil, depois de muita censura, as histórias em quadrinhos ganharam espaço com diversos fins e utilidades. Então, o país passou a produzir uma imersa tiragem de quadrinhos que eram distribuídos nos mercados nacionais, bem como responsável pela introdução de antigos e novos personagens do universo nacional e nas republicações de histórias publicadas em décadas passadas, e que ainda nos dias atuais fazem sucesso cujas vendas são esplendorosas como o Homem Aranha, O Super-Homem e os personagens de Walt Disney.

O mercado editorial brasileiro começa a se destacar dando ênfase para a Editora Brasil América Ltda., conhecida também como EBAL. Nessa época, a editora foi uma das maiores distribuidoras de quadrinhos; além dessa, a Rio Gráfica Editora Ltda (RGE), do empresário Roberto Marinho, e a conceituada Editora Abril de Victor Civita.

Diante desse cenário, não podemos deixar de destacar os artistas brasileiros que brilhantemente contribuíram para o desenvolvimento das histórias em quadrinhos no nosso país, a exemplo de Mauricio de Souza e Ziraldo, trazendo para os quadrinhos histórias nacionais com características e personagens próprios.

As HQs são uma literatura marcada pelas ideias da sociedade da época. Para contribuir na circulação de temas especiais a um número maior de pessoas, sua linguagem define por ajustar a imagem com o texto escrito, vinculando temas do cotidiano. Seus textos designam as múltiplas intenções como: informar, sugerir estados de ânimo, convencer, seduzir, divertir, dentre outros, gerando opiniões e promovendo reflexões (CIRNE, 2000).

Além disso, elas são organizadas em diversas linguagens que viabilizam em diferentes contextos produzindo informações vinculadas aos temas sociais, pois estão presentes tanto nos livros didáticos e também nas provas de vestibulares e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Segundo Ramos,

Vêm-se outra relação entre quadrinhos e educação, bem mais harmoniosa. A presença deles nas provas de vestibular, a sua inclusão no PCN (Parâmetro Curricular Nacional) e a distribuição de obras ao ensino fundamental (por meio do Programa Nacional Biblioteca na Escola) levaram obrigatoriamente a linguagem dos quadrinhos para dentro da escola e para a realidade pedagógica do professor (2009, p.13).

Sendo assim, as HQs são extremamente importantes na utilização em sala de aula, pois seu benefício é extremamente significativo e considerável e

[...] há varias décadas, as histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano das crianças e jovens sua leitura é muito popular entre eles. A inclusão das HQs na sala de aula não é objeto de qualquer tipo de rejeição por parte dos estudantes, que, em geral, as recebem de forma entusiasmada, sentindo-se, com sua utilização, propensos a uma participação mais ativa nas atividades em aula. As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico (VERGUEIRO, 2012, p. 21).

Dessa forma, as histórias em quadrinhos, por apresentarem uma forma de comunicação fácil, contribuem para o crescimento de leitores estimulando-os na busca de novas fontes de leitura.

Luís Bartolomeu de Souza e Silva, considerado o “pai” da primeira revista em quadrinhos no país, lançou em 1905 “O Tico-Tico”. A revista trazia histórias engraçadas e fantasiosas possuía uma linguagem fácil na qual todos os leitores compreendiam e gostavam. O primeiro exemplar foi nomeado pela sociedade de “O Malho do Rio de Janeiro” e as publicações eram ajustadas com a época, objetivando o divertimento e a instrução a criança brasileira (IANNONE; IANNONE,1994).

A revista sobreviveu até 1956 e, neste período, apareceram trabalhos de muitos escritores, como Luiz Gomes Loureiro, Augusto Rocha, Max Yantok, Alfredo e Oswaldo Storni, Luiz Sá, etc, que animavam os leitores com imagens, como Juquinha, Lamparina, Chiquinho, Barão de Rapapé, Zé Macaco e Faustina, Réco-Réco, Bolão e Azeitona.

Apesar de Walter Disney (1901-1966) não ser um autor brasileiro, é impossível falar a respeito da história em quadrinho sem mencioná-lo. São inegáveis o talento e a criatividade dele e de toda sua equipe que deram aos *comics* a ideia de movimento e equilíbrio, influenciando gerações de desenhistas.

Contudo, no Brasil a HQ mais adorada pelos leitores é a Turma da Mônica, surgida em 1959 na folha de São Paulo mediante ao seu repórter e autor Maurício de Souza. No início, eram apenas o cão Bidu e o seu proprietário Franjinha, posteriormente surgiram outros personagens como Cebolinha, Astronauta e Penadinho, No entanto, Souza não tinha criado nenhuma figura feminina, pois achava difícil escrever sobre mulher e seu pensamento.

Então, Maurício de Souza começou a observar suas filhas e criou a Mônica, personagem querida, engraçada e admirada tanto pelas crianças e adultos por seu jeito irreverente de ser. Em seguida, surge a Magali que também se tornou uma protagonista. Na década de 70, publicou a revista “A Turma da Mônica” com uma edição inicial de 200 mil cópias.

Dois anos depois, divulga o gibi Cebolinha, em seguida, publica Chico Bento, Cascão e Magali. As histórias são conhecidas no mundo todo e fascinam os leitores, já que abordam temas interessantes e os personagens vivenciam situações cotidianas, tendo em vista que são influenciados em pessoas reais.

3.1 Entendendo as Histórias em quadrinhos

As histórias em quadrinhos são narrativas sequenciadas em formas de quadrinhos, combinadas por dois signos gráficos de comunicação distintos: a imagem e a linguagem escrita. Tendo como “veículo principal o próprio quadrinho também denominado “vinheta”, criado para transmitir uma mensagem” (IANNONE; IANNONE, 1994, p.60)

As HQS são formadas por diferentes elementos, como quadrinhos, balões, legenda, ritmo visual, onomatopeia, cores, linhas e traços etc. Embora existam algumas que não vão apresentar todas as estruturas elencadas, especialmente as primeiras, pois eram formadas exclusivamente através de desenho. Para situarmos melhor em relação à estrutura das HQs seguem abaixo:

a) Quadrinho – É o espaço no qual acontece a cena delimitando uma cena da outra. Nele encontramos os personagens, os cenários, e demais elementos, “seu

formato mais comum é o retângulo, delimitado por linhas retas (moldura)". (IANNONE; IANNONE, 1994, p.60). Para tanto, os quadrinhos podem ser aproveitados também como elemento informativo na leitura visando provocar um impacto no leitor no instante da ação da história.

b) Balão - É um elemento peculiar das histórias em quadrinhos. Responsável por transmitir falas, diálogos e pensamento dos personagens, "quando estes mudam de humor, expressando emoções diversas (surpresa, ódio, alegria, medo), os balões acompanham tipologicamente, participando também da imagem" (LUYTEN, 1985, p.12). Por exemplo, um balão praticamente redondo e mais comum, expressa ideia de que os personagens estão tendo diálogo normal. O balão com formato de nuvem dá a ideia de pensamento. O balão com formato "rabiscado" expressa grito de um personagem ou indica som de qualquer aparelho, e assim sucessivamente.

c) Onomatopeia – É uma figura de linguagem que deixa a HQ mais divertida, real, facilitando a compreensão. São "palavras que procuram reproduzir ruídos e sons, completam a linguagem dos quadrinhos e lhes dão efeito de grande beleza sonora" (LUYTEN, 1985, p.13). Os ruídos não são apenas sonoros, mas visuais, como por exemplo, um "crack", um "splash". Algumas onomatopeias "originaram-se de verbos da língua inglesa" (IANNONE; IANNONE, 1994, p.75).

d) Legenda – Esse recurso desempenha o papel do narrador em terceira pessoa, constituindo "a voz "exterior", que descreve algum fato ou informa algo importante. Teoricamente emprega-se no início da história (informação preliminares ou introdução) ligando um quadro para outro" (IANNONE; IANNONE, 1994, p.73).

e) Imagem – "É o desenho contido no interior do quadrinho geralmente, apresenta uma cena (cenário), que traduz a mensagem do autor para seus leitores" (IANNONE; IANNONE, 1994, p.62).

f) Cores – são elementos fundamentais para a linguagem das HQs, visto que muitas informações são manifestadas por meio das cores.

g) Letra – Frequentemente o tipo de letra empregado para momento rotineiro "é a letra de fôrma maiúscula, em caixa alta, desenhada a mão", para "situações que fogem à normalidade, recorre-se às versões especiais" (IANNONE; IANNONE, 1994, p.72).

Além da expressão verbal correntes nas HQs, existem outros componentes que auxiliam na percepção das narrações: a epígrafe e a legenda. Sendo que a

epígrafe assessora no antecedimento do conteúdo e, a legenda esclarece o título, complementando-o.

No desdobrar dos discursos, existem inúmeros ícones como as interjeições, as onomatopeias, as metáforas visuais, são artifícios que dão animações aos enredos das narrações. A ligação entre os ícones correntes nas HQs “[...] se complementam, reforçam-se, um comportando o outro e permitindo que o leitor preencha as lacunas como um leitor ativo” (FOGAÇA, 2003, p. 124).

Nas HQs, a interjeição é muito presente “[...] é a palavra invariável usada para exprimir emoções e sentimentos. De todas as classes de palavras, é a que mais depende de entonação e contexto” (NICOLA; INFANTE, 1999, p. 236). Sendo assim, fazendo uso da entonação, como também do valor dos interpretetes, a interjeição é um elemento que examinam a energia dos discursos.

No decorrer dos diálogos, a existência da entoação é um recurso de grande importância, sem ela o vocábulo estaria sem essência na conversação entre os emissores de uma língua. (BAKHTIN, 2003). No dicionário, a palavra entoação assume a seguinte conceituação: “ato ou efeito de entoar; modulação na voz de quem fala ou recita” (FERREIRA, 2001, p.271).

Tanto as palavras quanto os discursos postos nos contextos sociais fazem uso da dicção, buscando um elo necessário para o discurso e o contexto dando sentidos nas relações dialógicas. Nessa perspectiva, os diálogos permanentes nas histórias do gênero HQs usam da entonação que “é a força normativa do gênero, mais livre, que é exercida aqui”. Portanto, a entonação “[...] é um dos meios de expressão da relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto da sua fala” (BAKHTIN, 2003, p. 290).

Assim, pela vivacidade dos vocábulos, a interpretação é conhecida através da entonação, já que as exposições não são restritas aos vocábulos, contudo, necessitam do modo como são explícitas, da entonação e do contexto para a animação dos diálogos.

As figuras visuais amparam consideravelmente na extensão da comunicação verbal no desenrolar da leitura (VERGUEIRO, 2012). Nos quadrinhos, as metáforas são feitas para indicarem inúmeras posições como, por exemplo, uma comida quando o figurante está faminto; moeda quando a personagem pensa em ficar-se abastado; uma luz quando o figurante tem um pensamento; pontos luminosos para mostrar que o figurante tomou uma queda.

As linhas que contornam cada quadro expressam informações importantes para o leitor. Esses delineamentos contínuos são empregados para expressar a ação real presente em cada personagem (VERGUEIRO, 2012). Aquelas pontilhadas expressam que ação ocorreu no passado ou ainda de fantasia.

Em relação à produção dos quadrinhos, os autores reparam para os esquemas e ponto de visão, visando representar a forma que cada figura é exposta no comprimento e na espessura. Existe o plano geral, o plano total ou de conjunto, o plano médio ou aproximado, assim sucessivamente (VERGUEIRO, 2012).

No tocante aos personagens, cada autor de HQs produz aqueles que melhor suprem ao gosto dos seus leitores. No que diz respeito à terminologia dos quadrinhos, o que vai distinguir os diferentes personagens são os chamados “tipo”, podemos encontrar o tipo tímido, o galante, o espertalhão e assim por diante.

Além de todos esses elementos elencados acima, é imprescindível mencionar de forma sucinta o humor, que é uma das características contida no quadrinho e na tira, com o intuito de provocar o riso. Conforme relata o linguista Possenti (1998, p.49), “o que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato de que ele permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica [...]”. De fato o humor está mais ligado ao vícios de algo praticado indevidamente causando estranheza ao público, uma vez que sua ação é realizada na tentativa de ridicularizar o lado inferior do discurso, seja no meio social, político, religioso ou cultural.

4. A LEITURA E A FORMAÇÃO LEITORA

A leitura tem sido um foco de discussões nos diversos campos da educação, entretanto, a prática de leitura vem apresentando inúmeras lacunas por parte dos leitores. É sabido que a leitura tem um papel extremamente importante, pois é considerada a melhor forma de adquirir e organizar o conhecimento, já que “a leitura é uma atividade complexa, plural que se desenvolve em várias direções” (JOUVE, 2002, p.17). Nessa perspectiva,

Entendemos a leitura como um instrumento capaz de alargar os conhecimentos e de capacitar o ser humano a interagir no mundo de modo criativo e transformador. Através da leitura, acreditamos que a pessoa possa adquirir maior habilidade para exercer os conhecimentos culturalmente construídos e, desse modo, escalar com facilidade os novos graus de ensino atingindo, também, por consequência, sua realização pessoal, com possibilidade de se tornar, verdadeiramente, cidadã (PAIVA, 2008, p. 44).

É possível afirmar que a realização pessoal e social se materializa através da leitura, pois ela atribui ao sujeito a capacidade de dialogar de forma criativa e crítica com o mundo a sua volta. A leitura é um exercício de compreensão da palavra que é empregado em um contexto, portanto, o ser humano dispõe dessa capacidade de compreender as relações simbólicas que se estabelecem entre as palavras. Como é enfatizado pelo pedagogo Paulo Freire “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1989, p.9). Ou seja, para que haja total compreensão da leitura de um texto é necessário que essa leitura esteja imbricada com o texto e contexto.

Desse modo, a leitura tem de ser pensada não apenas como procedimento, mas principalmente como ação cultural historicamente constituída, pois “a leitura é um ato de posicionamento político diante do mundo” (BRANDÃO; EVANGELISTA; MACHADO, 2011, p.84). Evidentemente, a leitura tem o poder de contribuir com o conhecimento do leitor, pois quanto maior sua bagagem leitora mais consciência esse indivíduo possui sobre suas posições e questiona as informações presentes no texto que lê.

O ato de ler permite ao leitor respostas para todas as questões que está acontecendo ao seu redor. Quando uma pessoa ler e compreende, desde uma

receita culinária a uma notícia jornalística, ela passa a ter uma opinião sobre o tema lido, pois “ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo” (SILVA, 2009, p.45). Nós lemos em toda circunstância, antes mesmo do domínio da escrita, já interpretamos situações, imagens, entre outras.

A leitura precisa ser uma prática “compreendida de modo amplo”, pois “a ação de ler caracteriza toda a relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca”, (ZILBERMAN, 1986, p17). Evidentemente, a leitura conduz o sujeito que ler a constituir toda relação com o real, o sólido ampliando o conhecimento e entendimento de mundo, de tal forma o acesso à informação com autonomia e criticidade.

Sempre há algo que provoca o leitor, lhe interessa, lhe instiga outro pensamento que lhe permite dar asa à imaginação, transformando a simples decodificação de palavras em uma tarefa de descoberta. Quando o indivíduo relaciona o que ler com seu conhecimento de mundo, consegue obter mais conhecimento (YUNES, 1995).

Não se deve somente olhar o texto superficialmente, é preciso adentrar no que o autor está expressando por meio das palavras. Dessa forma, a formação dos leitores se deve, portanto, à experiência dos estudantes em situações diversas da vida social, e põe o educando no papel de sujeito mediador de conhecimento, de participante do mundo do trabalho, do estudo e do lazer, fazendo previsões, perguntas e comentários (KLEIMAN, 2002).

Cabe à escola criar, formar, organizar e adequar em suas metodologias e matrizes curriculares propostas e estratégias concretas de leitura, de modo a incrementar a formação de leitores competentes. Desde o início a leitura deve contar com o leitor, sua contribuição ao texto, sua observação ao contexto, sua percepção do entorno uma vez que a leitura pode trazer uma sensação de mundo mais amplo mesmo diante de um mundo eletrônico onde o visual parece substituir o verbal. A leitura faz parte da vida, sua prática deve ser envolvente e cativante a ponto de gerar necessidade e satisfação pessoal.

Diante disso, o professor deve priorizar nas situações didáticas desenvolvidas no ensino de leitura a formação de um sujeito capaz de interagir com o que lê e que esteja preparado a participar realmente do movimento da leitura atuando de forma

participativa procurando recuperar, compreender criticamente as informações transmitidas pelo autor. O leitor crítico tem mais condição de explorar o texto em potencial relacionando o conhecimento e desvendando leituras (YUNES, 2002).

4.1 A escola: formação leitora

No final do século XIX, aqui no Brasil, principalmente com a proclamação da república, a educação destacou-se como uma das ideias da modernidade. A escola, por sua vez, estabeleceu como lugar inevitavelmente legalizado para o preparo das gerações futuras, visando atender aos princípios do estado republicano, organizado pela necessidade da instauração de uma nova ordem política e social. A globalização da escola atribuiu papel importante como mecanismo de inovação e evolução do Estado-nação instigadora do “esclarecimento das massas iletradas” (MORTATTI, 2006, p.1).

Na esfera das concepções republicanas, saber ler e escrever transformou-se em um recurso priorizado de aquisição do saber e do conhecimento para o progresso e desenvolvimento social. Nesse período a leitura e a escrita eram costumes culturais, o conhecimento estava reduzido a poucos e acontecia por meio de um processo bagunçado em que muitos lares eram usados como ambiente escolar. Mesmo nas poucas escolas que existiam, o ensino acontecia de forma precária, pois faltavam professores especializados para a elaboração das atividades.

Atualmente, a função da escola é aprimorar a competência de leitura dos alunos, porém, resta saber se ela está preparada para enfrentar esse desafio. Zilberman (2009) revela que a escola vive um momento de crise muito intensa no sistema de ensino, refletindo nos resultados das avaliações externas promovidas no âmbito estadual e federal.

A tarefa de formar leitores críticos na escola exige que o professor também seja um leitor, pois a sua experiência íntima com o texto poderá fazer diferença no processo de mediação da leitura. Nessa perspectiva, o docente terá maior facilidade para compreender as etapas e as dificuldades que aluno apresenta no processo de formação leitora.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) ressaltam que a formação leitora não é responsabilidade somente do professor de língua portuguesa, pois todo

professor deve se engajar com a leitura. De modo geral, tanto os professores de Língua Portuguesa quanto as demais áreas do conhecimento prezam pela falta de noção da responsabilidade bem como a falta de informação em relação às noções fundamentais que envolvem a aprendizagem da leitura.

[..] para formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam é preciso organizar um trabalho educativo de modo a permitir que experimentem e aprendem isso na escola, principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes. Essa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano (BRASIL, 1997, p.42).

Realmente só se forma bons leitores quando há engajamento tanto por parte do professor como também por parte da escola, uma vez que a escola é responsável pela formação do sujeito e o educador se torna o espelho principal desse indivíduo. A leitura em voz alta pelo professor não é uma prática tão comum, sobretudo quando se trata das séries mais avançadas, o que não deveria acontecer, já que são os alunos mais velhos precisam de bons modelos de leitura (BRASIL, 1997).

Sendo o professor espelho do aluno, é de extrema responsabilidade do educador ser exemplo de leitor, para despertar o desejo e interesse pela leitura. Sabendo que os bons costumes e os valores são elementos que a sociedade copia por despertar empatia, nesse sentido, o professor deve promover atividades de leitura em sala de aula de modo que os alunos possam se encantar e conseqüentemente se interessar pela leitura.

Quando o aluno é motivado à atividade leitora, conseqüentemente terá mais interesse por temas mais complexos. Além disso, irá relacionar conhecimentos de leituras anteriores com o intuito de melhor compreender e entender a pauta em questão.

A participação dos alunos em atividades de leitura possibilita uma ampliação de repertório de experiências, práticas, gêneros e conhecimento que podem ser acessados diante de novos textos, ajustando-se como conhecimentos prévios em novas situações de leitura (BRASIL, 2017).

Nesta perspectiva, os PCN ressaltam que o trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores (pessoas capazes de escrever com eficácia, não no sentido de formar escritores profissionais da escrita), pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura.

É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes (BRASIL, 1997, p.42).

O ambiente de leitura deve ser favorável no âmbito escolar, de modo que o acervo esteja sempre disponível em diferentes suportes, como também deve haver um espaço para a leitura, socialização e discussões entre os pares. Yunes ressalta

[...] que a leitura se aprende no convívio com a cultura socializada, mas também com a visão singularizada que vamos formando de nós e do mundo. Mas é inegável que o gosto pela leitura compartilhada fortalece o aprendizado do potencial leitor. Lendo sozinho parecemos mais bloqueados do que lendo em grupo, quando uma ideia puxa a outra e estas vão criando uma teia de trocas muito original. Saímos todos mais inteligentes e inteligíveis (2009, p. 84).

A interação do aluno com outros colegas, principalmente se esse for ativo na leitura, dará exemplos positivos para aqueles que estão com sede de ler e fome de conhecimento, logo, ele vai perceber que quanto maior o engajamento e a bagagem de leitura, maior a facilidade na comunicação, pois terá um amplo repertório de palavras no seu vocabulário e mais habilidade de argumentação.

A mediação do professor cumpre o papel fundamental de organizar ações que possibilitam aos alunos o contato crítico e reflexivo. A leitura é considerada crítica quando é sentida, refletida. Nesse caso, o sujeito sofre conflitos e passa por inúmeras mudanças interiores, colocando o leitor à prova do que já sabia atrelado ao novo conhecimento.

Freire (1981) enfatiza que o objetivo não é que o educador passe a interpretar, criticar e raciocinar pelos alunos. É fundamental que o aluno, por meio das leituras de seu mundo, possa encontrar significados para si, ao ler as escritas construídas pelo mundo do outro. A vista disso, possuir o saber crítico é possuir a capacidade de transformar o seu mundo por meio do mundo de outro, e vice-versa.

5. O LIVRO DIDÁTICO E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

O livro didático é um material presente na sala de aula há muito tempo, alguns professores asseguram o livro como suporte principal na mediação do conhecimento para o aluno e é usado de forma apalpável na prática escolar. O livro pode ser considerado fonte de conhecimento pessoal e de entretenimento, por isso é importante que seja valorizado como propulsor do saber. O surgimento do Livro Didático se encontra na cultura escolar, ainda antes da criação da imprensa, nos últimos anos do século XV. Época em que os livros eram raros e os próprios estudantes universitários produziam seus cadernos de textos (JUNIOR, 2004).

O instrumento didático consolidou-se em 1929, no governo Getúlio Vargas, surgiu às primeiras ideias sobre o livro didático, em conformidade ao Instituto Nacional do livro (INL) com a função de legitimar o livro didático nacional e incrementar a sua produção. No entanto, esse parecer não saiu do papel.

Em 1938, por meio do Decreto-Lei nº 1006 de 30/12/38, foi instituída a Comissão Nacional do livro Didático (CNDL), estabelecendo a primeira política de legislação e controle de produção e circulação do livro didático no país. Essa comissão tinha mais a função de controle política-ideológico do que uma função didática (FREITAG, 1997).

Na década de sessenta foi assinado um acordo entre o ministério da Educação (MEC) e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID), um dos acordos era criar a Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED). Visando coordenar as ações referentes à produção, edição e distribuição do livro didático, com pretensão de distribuir gratuitamente 51 milhões de livros para os estudantes brasileiros no período de três anos (FREITAG, 1997). No tocante a este acordo, houve várias críticas por parte dos educadores brasileiros, uma vez ao MEC e ao Sindicato Nacional de Editores de Livros (SNEL) caberiam apenas a responsabilidade de execução e aos órgãos técnicos da USAID todo o controle.

Em 1968 surge a Fundação Nacional de Material Escolar (FENAME), vindo sofrer modificações em 1976, quando assumiu a responsabilidade do Programa Nacional do Livro Didático, que até então estava sob a responsabilidade do Instituto Nacional do Livro (INL), subordinado ao MEC (FREITAG, 1997).

Nos anos de 1980 aparecem claramente pela primeira vez a vinculação da política governamental do livro para crianças carentes, momento de lançamento das diretrizes básicas do Programa do Livro Didático - Ensino Fundamental (PLIDEF), em seguida surge o Programa do Livro Didático (PNLD) para o ensino médio (PLIDEM) e também Programa do Livro Didático para o Supletivo (PLIDESU).

Somente com a extinção do Fundo de Assistência ao Estudante (FAE) em 1996 e com a transferência das ações para o Fundo Nacional do Desenvolvimento de Educação (FNDE) em 1997, deram início de forma contínua e dinâmica a produção e distribuição dos livros. Desse modo, todos os alunos do ensino fundamental passaram a receber os livros didáticos referentes a todas as disciplinas.

O PNLD é voltado à educação básica brasileira, exceto aos alunos da educação infantil. Constitui um dos programas mais antigo voltado à distribuição de material didático aos alunos da rede pública de ensino. Em julho de 2017 os programas relacionados a livro foram unificados. O PNLD passou a significar Programa Nacional do Livro e do Material Didático, pois, além do livro didático, o programa passou a distribuir livros literários, antes, encarregada pelo Programa Biblioteca Integrada na Escola. (PNBE).

O livro didático é considerado um importante material escolar para auxiliar no ensino-aprendizagem. Ele faz parte da memória visual e da cultura de muitas gerações e, apesar de tantas transformações sofridas, tem uma função relevante para o aluno na missão de atuar como mediador de conhecimento.

O livro didático é um material pedagógico imprescindível no processo de construção do conhecimento, sendo um produto cultural, conduzido de valores ideológicos, além de seu conteúdo pedagógico específico de cada disciplina (LOPES, 2007).

Mesmo reconhecendo a dependência do professor em relação ao livro didático, para Lopes (2007), os bons livros didáticos são partes fundamentais da qualidade da boa educação e os educadores são os responsáveis na mediação desse conhecimento, isto é, “os livros didáticos assumem um papel central nesse processo, pois, além da seleção textual, indicam atividades, exercícios e informações complementares que fazem uma mediação entre o texto e o leitor” (BRASIL, 2016, p. 12).

A vista disso, o livro didático assume uma das principais funções na educação e, por vezes, acaba determinando as estratégias de ensino, o que é ensinado e

como é ensinado (LAJOLO, 1996). Por esse motivo, o LD passa a ser visto como material necessário no processo de ensino-aprendizagem, servindo como apoio para docentes e como fonte de pesquisa para aprendizes.

É sabido que existem inúmeros meios e instrumento didático no mundo moderno para auxiliar o professor na mediação do conhecimento, mas infelizmente alguns docentes se amparam ao livro como o único meio de trabalho. Uns por conta da má informação, outros devido à falta de comprometimento com a função de educar. Além disso, pontuamos a carência de incentivo, reconhecimento e a má remuneração da parte dos governantes contribuem a não revolução desses profissionais.

O livro didático é uma poderosa fonte de conhecimento da história de uma nação, portanto, ele é forte aliado para a formação leitora. Nele encontramos textos literários e não literários que são extremamente importantes para a formação do leitor, como também para despertar o gosto pela leitura. Atualmente, o LD coincide com diferente tipos de materiais como louças, mapas, enciclopédias, audiovisuais, softwares didáticos, CD-Rom, Internet, dentre outros, mesmo assim continua ocupando um papel central.

Tendo em vista que a existência do impresso didático está emparelhada à norma de uma política educacional, à infraestrutura tecnológica e ao gerenciamento de uma política econômica, normalmente dirigida pela classe dominante. Sendo assim, o livro didático é uma

[...] poderosa fonte de conhecimento da história de uma nação, que, por intermédio de sua trajetória de publicações e leituras, dá a entender que rumos seus governantes escolheram para a educação, desenvolvimento e capacitação intelectual e profissional dos habitantes de um país (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 121).

Além disso, o livro didático que era destinado somente ao professor passou a estender e atender a necessidade do aluno em estar a posse de um livro para a sua aprendizagem. Conforme Bittencourt,

O livro didático traz, desde sua origem, uma ambiguidade no que se refere ao seu público. O professor é figura central, mas existe o aluno. O livro didático não pode separá-los. A partir da segunda metade do século XIX passou a se tornar mais claro que o livro didático não era um material de uso exclusivo do professor, [...] mas que ele precisava ir diretamente para as mãos dos alunos (2004, p. 483).

Logo, quando aluno possui um LD pode folheá-lo, sentir o seu cheiro, ler textos, é possível aguçar o desejo pela leitura. O ensino de Português se torna como uma ponte para ampliar cada vez mais o repertório texto-livros, dentre eles são atribuídos diferentes tipos de textos para leitura.

As histórias em quadrinhos estão sendo abordados nos livros didáticos como atividade introdutória de conteúdos. Para Cirne,

[...] o verdadeiro (e bom) quadrinho seduz pelo conhecimento que leva ao despertar, que leva à alegria, ao prazer, à consciência. O despertar que leva à soma de possibilidades formais e conteudísticas, mediadas pelo simbolismo da função poética entre o objeto apenas visto e o objeto de fato desejado (2000, p.19).

Sendo assim, o quadrinho tem o poder de sedução, pois conta com a presença de conteúdos somados aos conhecimentos, prazeres e acompanhada de uma alegria contagiante.

5.1 Análise e reflexões dos dados

Antes de iniciar as análises dos dados, faz-se importante apresentar a obra “Vontade de Saber Português”. Podemos perceber o quanto as autoras foram audaciosas em optar pela temática do cotidiano visando provocar e instigar o desejo pelo conhecimento da Língua Portuguesa. Como elas mesmas pontuam, por meio deste material, “o aluno encontre prazer de estudar e, conseqüentemente prepare-se para os desafios do presente e do futuro”. (TAVARES; CONSELVAN, 2012, p.3). Dessa forma, como defendem as autoras pode-se aguardar uma referencia de um ensino reflexivo dentro de um “universo fascinante e repleto de possibilidades”.

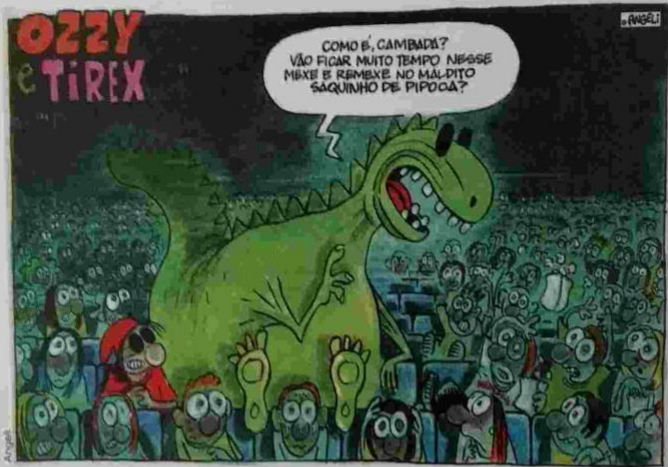
As escritoras do livro justificam que esse universo de possibilidades é no sentido de propor “uma seleção de textos diversificados e atraentes, e conteúdos que possibilitam um contato envolvente com a informação” (TAVARES; CONSELVAN, 2012, p. 3). Ainda afirmam que esse recurso torna o estudo mais agradável e interessante. Levando em consideração o argumento apresentado, percebemos que a organização e a seleção dos conteúdos almejam despertar o interesse dos aprendizes.

O LD analisado apresenta nas suas propostas de ensino-aprendizagem uma série de gêneros discursivos referentes a diversas áreas de atividade social bem como os gêneros na esfera literária, jornalística, quadrinhístico, etc.. Os temas são voltados para as idades direcionadas cabendo então à interferência do professor em levantar discussão e reflexão de modo a enriquecer a análise crítica. Identificamos também que, nesta obra, as tiras e as HQs são utilizadas para trabalhar conceitos gramaticais.

A primeira tira analisada se encontra na unidade 1 do capítulo 2, página 38. E constitui um gênero para auxiliar os alunos na compreensão do conteúdo de gramática “ Gírias e suas tribos”. A atividade proposta sugere a leitura da tira com o intuito de responder às questões relacionadas ao conteúdo. A tirinha apresenta um texto curto e direto e faz uma crítica ao contexto social.

Figura 01 – Angeli

2 Observe a tira a seguir, de Angeli.



a) O que confere humor à tira? *O humor é decorrente do absurdo: além de o dinossauro estar no cinema, está reclamando do barulho dos sacos de pipoca.*

b) Ao se referir às pessoas que estavam no cinema, o personagem Tirez emprega uma gíria. Que gíria é essa e qual é o sentido expresso por ela?
Cambada: sentido de muitas pessoas.

c) Procure a gíria empregada por Tirez em um dicionário e verifique se ela já está dicionarizada. Explique por que isso ocorreu. *Resposta esperada: ela foi dicionarizada. Isso ocorreu porque o uso dessa palavra tornou-se recorrente ao ponto de seu sentido ter se tornado convencional.*

d) Se Tirez tivesse empregado uma expressão de acordo com a norma urbana de prestígio, que palavras poderiam substituir essa gíria? *Senhores, rapazes.*

e) Reescreva a frase de Tirez de acordo com a norma urbana de prestígio.
Possível resposta: Vocês irão ficar muito tempo fazendo barulho com os saquinhos de pipoca?

3 Sob a orientação do professor, reúna-se com um colega e pesquisem, na biblioteca da escola, gírias em histórias em quadrinhos. Depois, cada dupla de alunos deverá identificar: os contextos onde as gírias pesquisadas estão empregadas; os grupos sociais que as utilizam; e os sentidos expressos por elas. *Pessoal.*

38

Fonte: TAVARES; CONSELVAN, 2014, p.38.

A figura 01 tem como tema o barulho no cinema vindo de um saquinho de pipoca. A história representa a importância do silêncio no cinema, já que um simples barulhinho se torna um enorme incômodo aos telespectadores.

Ela foi usada para introduzir a linguagem denominada gíria que é usada para designar outras palavras formais da língua, “com o intuito de fazer segredo, provocar humor e até mesmo distinguir o grupo dos demais criando seu vocabulário próprio” (TAVARES; CONSELVAN, 2012, p.37).

No Manual do Professor, as autoras orientam o docente a formar dupla e pesquisar na biblioteca da escola as gírias em histórias em quadrinhos. Dessa forma, os alunos irão conhecer outras gírias bem como usuários e contextos de utilização dessas gírias.

A HQ contribui na formação do leitor sobre a perspectiva de praticar o bom senso, no caso o silêncio em determinados ambientes. Logo, as autoras, além de introduzir o conteúdo, ampliam o conhecimento do aluno levando reflexão sobre a prática do bom senso nos ambientes sociais. Infelizmente, a HQ não foi explorada na sua totalidade, pois foi utilizada exclusivamente para introduzir o conteúdo.

Figura 02 – Cebolinha e Cascão

A língua em estudo

Conjunção

Refletindo e conceituando

Leia o trecho da história em quadrinhos a seguir, em que Cebolinha e Cascão dão um bom exemplo no trânsito.

1 Qual é o assunto da HQ? *Os cuidados que pedestres e motoristas devem ter no trânsito.*

2 De acordo com a HQ, duas atitudes devem ser tomadas por motoristas e pedestres em relação aos portadores de deficiências.

a) Quais são essas atitudes? *Respeitar e dar preferência a portadores de deficiência no trânsito.*

b) Qual palavra usada pelo agente de trânsito liga essas duas ações? *A palavra e.*

c) Que sentido ela indica? *Sentido de adição, isto é, de acréscimo de mais informações.*

190

Seguindo as análises, a tirinha acima se encontra na unidade 5, do capítulo 2, página 190. Como podemos perceber, esta história apresenta mais quadros e mais personagens. As palavras narram histórias de bom exemplo no trânsito compondo um período mais longo. O gênero vem auxiliando a compreensão do conteúdo de gramática “Conjunção” que é uma palavra que liga orações ou vocábulos de função semelhante em uma mesma oração.

Nos dois primeiros textos, o narrador traz um diálogo entre os personagens Cebolinha e Cascão. Eles nos explicam quem está falando e como esse personagem está falando: calmo, agitado, gritando, pensando ou está tendo uma ideia, sendo que o texto é relacionado à imagem. Do terceiro ao último, o narrador faz esclarecimentos sobre as normas do trânsito, contribuindo para a formação cidadã por meio da leitura.

A HQ da figura 02 tematiza os cuidados que pedestres e motoristas devem ter no trânsito. São reflexões acerca do cotidiano que contribuíram para a formação do leitor enquanto cidadão. A prática do bom senso tanto para os pedestres quanto para os motoristas irão favorecer a ambos. Além disso, as atividades propostas com a conjunção auxiliam o leitor na construção do discurso mostrando a função dessas palavras na construção de um diálogo.

Figura 03 – Dik Browne

Leitura 2

Na história em quadrinhos a seguir, Helga é uma dona de casa dedicada e cheia de afazeres domésticos. Ela é casada com um guerreiro viking chamado Hagar. As histórias vividas por esse casal são sempre apresentadas de forma bem-humorada. Você imagina qual situação engraçada será vivida por Helga e Hagar na HQ a seguir?

Lela e confira.

HAGAR O HORRÍVEL **DIK BROWNE**

CONSEGUI! ACABEI TUDO!!

UFF UFF UFF UFF

PEGANDO LEVE HOJE, QUERIDA? ESPERTA, MUITO ESPERTA...

PLOP!

DIK BROWNE 11-10 © King Features Syndicate, Inc., 1974. Dik Browne, O melhor de Hagar: o horrível! Trad. Cláudia Becker. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 33

capítulo 2
Rir é o melhor remédio

Figura 04 - Atividade

Estudo do texto

Conversando sobre o texto Responda oralmente

- 1 As hipóteses levantadas por você sobre a situação apresentada na HQ se confirmaram? *Pessoal.*
- 2 A HQ apresenta uma situação que gera humor.
 - a) Explique em que consiste esse humor. Ao ver Helga "jogada" na poltrona, Hagar pensa que ela passou o dia descansando, sem saber que na verdade ela trabalhou arduamente o dia todo.
 - b) Em que quadrinho ocorre o humor?
No último.
- 3 Você já conhecia os personagens que aparecem nessa história em quadrinhos?
Pessoal.


Hagar, o Horrível

As histórias de *Hagar, o Horrível* já foram publicadas em 13 idiomas diferentes, em 58 países, num total de mais de 1 600 jornais. No Brasil, essas histórias são publicadas nos jornais *Folha de S.Paulo*, *O Globo* e *Zero Hora*.

Hagar é um guerreiro *viking* que tenta invadir a Inglaterra e outros países. Seu melhor amigo, Eddie Sortudo, é um guerreiro às avessas: magrelo, medroso e principalmente sem sorte.

Outros personagens fazem parte das tiras de Hagar: Helga, sua exigente esposa, que governa a casa; Hamlet, um filho fora dos padrões *vikings*, que vive lendo, filosofando e pensando que um dia poderá ser médico ou advogado; a filha Honi, de 16 anos, que ainda não se casou, o que para a época não era comum; o cachorro Snert, que não é muito subordinado ao dono, mas ainda assim é companheiro e fiel; e Kvack, a pata da família. Todos esses personagens ajudam a construir as aventuras de *Hagar, o Horrível*, que, apesar de ser um guerreiro saqueador, está longe de ser cruel.

Fonte de pesquisa: Extraído do site: <<http://www.slideshare.net/dearlisim/tirinhas-personagens>>. Acesso em: 6 mar. 2012.



The illustrations show: Hagar (a large, horned Viking with a sword), Eddie Sortudo (a small, thin character with a shield), Helga (a woman in a dress), Snert (a dog), Hamlet (a boy reading a book), Kvack (a small bird), and Honi (a girl sitting at a desk).

240

Fonte: TAVARES; CCONSELVAN, 2012,p.239.

Figura 05 - Atividade

Escrevendo sobre o texto Anote no caderno

1 Ao chegar em casa e ver Helga, Hagar faz um comentário.

a) Como Hagar achou que Helga passou o dia?
Ele achou que Helga havia descansado o dia todo.

b) O que fez com que Hagar tivesse pensado daquela maneira?
O fato de que, ao chegar em casa, ele a encontrou "largada" na poltrona descansando.

2 As histórias em quadrinhos são narradas por meio de imagens, que reproduzem ações em situações informais de comunicação, envolvendo personagens que geralmente interagem com palavras, expressões faciais e corporais.

a) Em quais quadrinhos ocorre a interação entre os personagens Hagar e Helga?
Nos dois últimos quadrinhos.

b) Descreva o que as expressões faciais e corporais de Helga demonstram ou indicam:

- do primeiro ao antepenúltimo quadrinhos. *Esforço e cansaço.*
- nos três últimos quadrinhos. *Exaustão.*

3 Nas HQs é comum o emprego de recursos não verbais para indicar o humor e o sentimento dos personagens.

a) Ao longo da HQ foi empregado um recurso gráfico para indicar o árduo trabalho que Helga realizou. Explique que recurso é esse e o que ele expressa.

b) Identifique o recurso empregado no último quadrinho para expressar o humor de Helga. Explique-o.
Foram empregados risquinhos tremidos em torno do rosto dela. Isso expressa a raiva que Helga sentiu de Hagar naquele momento.

4 Em uma HQ com texto verbal, a história pode ser narrada em forma de monólogo (quando um personagem fala sozinho) ou de diálogo (quando dois ou mais personagens conversam). Na HQ do Hagar, ocorre monólogo ou diálogo? Identifique e explique.
Ocorrem ambos: monólogo no 12º quadrinho, e diálogo no 15º quadrinho, quando Hagar fala com Helga e ela responde com uma expressão furtiva.

Explorando a linguagem Anote no caderno

1 Um dos recursos das HQs são os balões. Veja os tipos de balões a seguir e escreva qual está presente nessa HQ. *O balão de fala.*

de pensamento de raiva

de fala uníssono

2 Na HQ foram empregadas duas onomatopeias. Identifique-as e explique qual é o sentido com que cada uma delas foi empregada. *Plopl: barulho da queda de Helga na poltrona, indicando que ela não apenas se sentou, mas se jogou nela; e uff: a respiração ofegante de Helga, que estava descansando aliviada.*

3 No último quadro, com que intenção foi empregado o advérbio **muito** e a repetição do adjetivo **esperta**? *Para dar ênfase e provocar a ironia respectivamente.*

4 No trecho "**Pegando leve** hoje, querida?", a expressão em destaque apresenta um sentido conotativo. Explique-o.
A expressão significa agir com cautela, mas, no contexto da tirinha, quer dizer que, na opinião de Hagar, a mulher não fez nada o dia todo, que esteve folgada.

5 No 12º quadrinho, no fim da segunda frase, foi empregado o ponto de exclamação duas vezes. Que efeito o emprego dessa pontuação confere à frase?
A pontuação exalta e enfatiza toda a ação da história.

6 Em cada cena é mostrada uma ação realizada por Helga. Caso houvesse um texto verbal acompanhando o quadrinho, que verbos ou expressões verbais seriam empregados?
Do 1º ao 11º quadrinho, respectivamente: tirar leite, socar o pilão, lavar roupa, estender roupa, cortar lenha, carregar lenha, pegar água, limpar o chão, cortar carne, cozinhar e varrer.

241

Continuando na imagem 04 da unidade 6, capítulo 2, página 239, a HQ aparece para auxiliar na compreensão da leitura. As autoras trazem a proposta de atividade voltada para a leitura da HQ, visando a interpretação para resolver as questões relacionadas ao assunto.

Portanto, as imagens 04 e 05 trazem como eixo a leitura exibida em uma HQ da personagem Helga, uma dona de casa dedicada e cheia de afazeres domésticos. A história acima é contada por meio da linguagem verbal e não verbal, pois percebemos a predominância da imagem e da palavra. Nesse sentido, segundo Barbosa (2004), a ligação do texto com as imagens presentes nas HQs contribuem para a compreensão de conceitos, como também instiga o leitor a realizar sua própria leitura e a aguçar sua imaginação.

Na história, temos dois exemplos de figura de linguagem denominada onomatopeias: “plop” que indica o som da personagem se jogando ao sofá e o “uf” que indica alívio de algo que estava sobrecarregando-o.

Nas atividades 1 e 2 do tópico explorando a linguagem são trabalhados dois recursos das HQs o balão e a onomatopeia. No exercício de número um as autoras abordam tipos de balões: de pensamento, de raiva, de fala e de uníssono. Depois solicita que os alunos indiquem o balão que aparece na história. Já na atividade de número dois, elas trazem como proposta as onomatopeias, solicitando aos alunos que identifiquem e definam o sentido de cada uma delas na história.

A onomatopeia dá vida às HQs de forma dinâmica, pois o ruído, nos quadrinhos, é “visual, porque diante do papel em branco, os desenhista estão sempre a procura de novas expressões gráficas. O efeito de um ‘boom’ ou de um ‘crash’ nas HQs é sempre muito expressivo” (CIRNE, 1971. p.47).

É importante salientar que as autoras abordaram nesta HQ alguns recursos que compõem o quadrinho. Para que o aluno possa compreender e apreciar a riqueza desse gênero, é extremamente importante que o professor apresente todos os elementos, bem como sua funcionalidade.

Observamos que nos quadrinhos acima analisados, tanto na figura 01 de Angeli quanto na figura 03 de Dik Browne, as autoras trazem uma questão relacionada ao humor. O humor trabalhado nas HQs na maioria das vezes não provoca riso. Isso não quer dizer que o texto apresenta falha técnica. Conforme Possenti (2010, p.159), “é um problema de leitor e não de técnica”, pois vai depender muito da cultura e do conhecimento de cada leitor. Como situa o autor, “a

falta de informação cultural é, portanto, apenas uma das manifestações de uma exigência que todos os textos fazem aos coenunciadores” (POSSENTI, 2010, p.148). Evidentemente, quando o texto humorístico não é compreendido pelo leitor, o problema se encontra no enunciador por não ter conhecimento de toda linguagem presente no texto.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo comprovou que os quadrinhos presentes no livro didático de língua portuguesa contribuem para a formação do leitor crítico. É um recurso que remete discussão reflexiva por ser um meio de comunicação de massa sem distinção de público. Por crermos que a leitura é a porta aberta para descobrir o mundo, permite ultrapassar os limites da decodificação dando ao sujeito o entendimento e a compreensão de está inserido na sociedade. A formação leitora é um processo contínuo que exige prática e aptidão, no tocante a esse ponto faço menção ao conceito apresentado por Kleiman (2002, p. 15) na epigrafe redigido no início deste trabalho “Para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura”, pois não se forma leitor sem ser leitor e sem mergulhar-se no prazer e no testemunho que é o próprio ato de ler.

Sabemos que muitos alunos não dispõem de outras fontes de acesso à leitura senão os livros didáticos, infelizmente são muitos fatores que impedem a acessibilidade aos livros. Observando atentamente alguns estudantes na banca de reforço onde atuava, pude perceber o interesse deles de adentrar nos livros didáticos na busca das HQs, a partir dessa pertinência: de que forma as histórias em quadrinhos são abordados nos livros didáticos e quais as contribuições desse gênero textual para a formação do leitor crítico?

Diante da análise foi perceptível que as Histórias em Quadrinhos presentes no LD são utilizadas para introduzir conteúdo gramatical. Sua importância para o aprendizado do aluno é relevante, principalmente por inserir a gramática contextualizada. Mediante da metodologia do professor e das abordagens, elas contribuem para o processo de formação leitora de maneira a estimular o aluno para a interpretação e a informação quanto à leitura uma vez que a leitura não deve ser de cunho exclusivamente pedagógico, mas com a perspectiva de ampliar o conhecimento, o vocabulário, de forma que haja interação, compreensão e que seja prazerosa para o leitor.

Dessa forma, o educando deve atentar em relação aos elementos constituídos nas tiras e trechos das histórias em quadrinhos presente na obra. Como sabemos,

além de introduzir determinado conteúdo, a estrutura dos quadrinhos compõe fontes riquíssimas que podem proporcionar intensas reflexões.

Portanto, as HQs contribuem para a formação do leitor crítico, haja vista que a história narrada consegue humanizar o leitor de modo a posicionar nos fatos corriqueiros tornando-o sensível ao pensamento do outro, pois elas abordam fatos do dia a dia, que podem ser contextualizados e, conseqüentemente, tornando o sujeito mais consciente. Além do mais, a leitura é considerada crítica quando é refletida, indagada, e sentida.

Dessa forma, concluímos a discussão com o conceito do pedagogo Paulo Freire (1989) quando afirma que leitura ultrapassa a decodificação, pois a leitura da palavra não pode deixar de considerar o seu conhecimento de mundo. E preciso que ambos se unam para obter o conhecimento e direcionar para novos horizontes. Ao realizar a leitura de um texto, é fundamental que haja compreensão de modo que possa permitir a costura da linguagem com a realidade provocando reflexões e reiterando o conhecimento.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BITTENCOUT, Circe Maria Fernandes. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 475-491, set./dez.2004.

BRANDÃO, Heliana Maria Brina; EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). **Escolarização da leitura literária**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BRASIL. **Guia de Livro Didático**. PNLD 2017: língua portuguesa – Ensino fundamental anos finais / Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília, 1997.

CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CIRNE, Moacy. **A Linguagem dos Quadrinhos**. O universo estrutural de Ziraldo e Mauricio de Souza. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil – Teoria, Análise e Didática**. São Paulo: Moderna Editora, 1991.

CONSELVAN, Tatiane Brugnerotto; TAVARES, Rosemeire A. Alves. **Vontade de Saber Português**. 8º ano. 1 ed. São Paulo : FTD, 2012.

CHIZZOTTO, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1991. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/83985134/antonio-chizzotti-pesquisa-em-ciencias-humanas>. Acesso em: 18 de set. de 2020.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Disponível em: https://www.google.com/search?q=EISNER%2C+Will.+Quadrinhos+e+Arte+Seq%C3%BCencial.+S%C3%A3o+Paulo%3A+Martins+Fontes%2C+1999.&rlz=1C1GCEA_enBR932BR932&og=EISNER%2C+Will.+Quadrinhos+e+Arte+Seq%C3%BCenciaI.+S%C3%A3o+Paulo%3A+Martins+Fontes%2C+1999.+&ags=chrome..69i57.6346j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em: 20 de out. de 2019.

FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

Disponível em:

<https://www.prolivro.org.br/pesquisas-e-projetos-ipl/livros-retratos-da-leitura/>. Acesso em 10 de maio. 2021.

FEIJÓ, Mário. **Quadrinhos em ação**: um século de história. São Paulo: Moderna 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário de língua portuguesa** – 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FOGAÇA, A. G. **A contribuição das histórias em quadrinhos na formação de leitores competentes**. Rev. PEC, Curitiba, v.3, n.1, p. 121-131, jul. 2002 - jul. 2003.

Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/O%20VALOR%20PEDAGOGICO%20DAS%20HISTORIAS%20EM%20QUADRINHOS.pdf>. Acesso em: 10 de dez. de 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREITAG, Bárbara et al. **O livro didático em questão**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

JÚNIOR, Décio Gatti. **A escrita escolar da história: livro didático e ensino no Brasil**. Bauru, SP: Edusc; Uberlândia, MG: Edufu, 2004.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre : UFRGS, 2009.

Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 19 de out. de 2020

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar um Projeto de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOIDA, H. C. **Pequena história das histórias em quadrinhos**. In: GOIDA, H. C.; KLEINERT, A. Enciclopédia dos quadrinhos. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

IANNONE, Leila Rentroia; IANNONE, Roberto Antônio. **O mundo das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Moderna, 1994

JOUVE, Vincent. **A Leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura**: Teoria e Prática. 9 ed. Campinas, SP: Pontes. 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

LAJOLO, Marisa. **Livro didático**: um (quase) manual do usuário. Brasília: *Em aberto*, ano 16, n. 69, 1996.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOPES, Alice Casimiro. **Currículo e Epistemologia**. Ijuí: Editora: Unijuí, 2007.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. **O que é História em Quadrinhos**. 2 ed. São Paulo. 1987.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001. MORTATTI, Maria Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização do Brasil. Seminário “Alfabetização e Letramento em Debate”. Brasília: Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, 27/4/2006. (Artigo).

Disponível em:

<https://fbnovas.edu.br/site/wp-content/uploads/2019/02/Acervo%20em%20PDF/Hist%C3%B3rias%20dos%20M%C3%A9todos%20de%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 15 de jun. de 2021.

NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. **Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa**. 15. ed. São Paulo: Scipione, 1999.

OLIVEIRA, João Batista Araújo et al. **A política do livro didático**. São Paulo, Sammus, Campinas: EDUNICAMP, 1984.

PAIVA, Fabrícia Vellasquez. **A literatura infanto-juvenil na formação social do leitor: a voz do especialista e a vez do professor nos discursos do PNBE 2005**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua: análises linguísticas de piadas**. Campinas: Mercado de letras, 1998.

QUELLA, Guyot Didier. **A história em quadrinhos**. São Paulo, Loyola. 1994.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. Ed. 7, Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SANTOS, Roberto Elísio. **A História em Quadrinhos na Sala de Aula**. Belo Horizonte: Intercom, 2003.

SILVA, Vera Maria Tietzman. **Literatura literária e outras literaturas: Impasses e alternativas no trabalho do Professor**. São Paulo: Paulinas, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**: fundamentos psicológico para uma nova pedagogia da leitura. 10 ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, Roberto Elísio dos. Para entender as narrativas sequenciais. **Revista Imes**, USCS. v. 1, nº 2. 2001, p. 59.

Disponível em:

http://seer.uscs.edu.br/index.php/Revistacomunicacao_inovacao/article/view/1310.

Acesso em: 12 mar.de 2020.

TAVARES, Lucia Helena Medeiros da Cunha. Gêneros e multimodalidade discursiva nas histórias em quadrinhos. **Revista Prolíngua**, UFPB/João Pessoa. v. 11, n. 2, jul/dez: p. 78. 2010.

Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/prolingua/article/view/15309> . Acesso em: 12 de mar. de 2020.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMA, Ângela. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4 ed., 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

YUNES, Eliana (Org.). **Pensar a Leitura**: complexidade. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.

YUNES, Eliana Lúcia Madureira. **Pelo avesso**: a leitura e o leitor. Revista de Letras. Curitiba, n. 44, 1995.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor**: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymarã, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **Escola e Leitura**: uma abordagem social. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania M. K. (Orgs). Escola e leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura na escola**. In: ZILBERMAN, Regina (Org^a.) Leitura em crise na escola: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto 1986